

GRAVURA Cooperativa de Gravadores Portugueses

"Paisagens, Fragmentos" "Landscapes, Fragments"

Abril/Maio 1995 April/May 1995

Cartografar simultaneamente imagens, dimensões e transparências é trabalho digno de um paisagista, quer reinvente os panoramas da ordem do visível, quer os encontre no livre jogo dos motivos face aos possíveis campos visuais da composição. É a esta família de um renovado paisagismo, interior ao próprio da Pintura, que os delicados desenhos e as subtis telas de Francisco Ferro pertencem. Contudo, ficar por esta constatação de um lugar de pertença não nos deve distrair de outras virtualidades e incidências de um processo formativo que, na visão e nos motivos, procura interrogar e ironizar outras dimensões da representação.

Em primeiro lugar, é a própria visão do motivo que está em causa, aumentada, transversalizada, filtrada ou transmutada por artifícios ópticos de volume, de cor e até de textura. Essa ironia sobre o acto de representar um motivo começa logo pelo modo de o configurar, variando a aparência e o tratamento da figura em função do artificiosismo da visão/representação que se convoca de obra para obra ou, como é mais frequente, na mesma obra, dividida em écrans descaradamente sugeridos.

Achada a figura, oscilando entre os mundos do ilusionismo tridimensional, que inscreve o volume nos espaços aparentemente desabitados, e a palpitação material da superfície, que canoniza a citação do trabalho do pintor, impõe-se imediatamente o seu enquadramento por uma narrativa que dê sentido, força e riqueza à variação ou à série.

O espaço assim obtido, mais do que espesso intervalo entre sugestivas e perturbantes aparições de figuras, parece construir-se a partir de um modo de contar uma "breve história da pintura" que obedece ao paradigma da visão dos nossos dias, inevitavelmente contaminada e filtrada pelas lentes e pelos écrans de todas as imagens-simulacro.

É, com efeito, a lógica do fotograma, espécie de resíduo irreduzível da imagem fixa, que preside a esta epifania fantástica de figuras indefiníveis porque multiplamente referenciáveis no imaginário do espectador, num espaço altamente depurado, cujas coordenadas temporais se reportam a uma irónica história do fazer e do representar que se resolve como num filme sem movimento.

To map pictures, dimensions and transparencies simultaneously is worthy work of a landscape painter, whetes he creates the panorama in a visible order, or finds them in a free motive game facing the possible virtual fields of the composition. It's to this family of one renewed landscape style, inward to the proper one of the painting, that the delicate drawings and the subtle canvas of Francisco Ferro belong.

However, to remain in this ascertainment of a place of belonging, does not have to distract us from other potentialities and incidences of a formative process that, in the vision and the reasons, it looks to interrogate and be ironic about other dimensions of the representation.

To begin with, it is the proper vision of the reason that is in cause, magnified, crossed, filtered or transformed for optic artifices of volume, colour and even the texture. This irony on the act to represent a reason starts in the way of shaping it, varying the appearance and the handling of the figure in function of the artificiality of the vision/representation that calls together from work to work or, as it is more frequent, in the same workmanship, divided in brazenly suggested screens.

Found the figure, oscillating between the worlds of the three-dimensional magic, that inscribes the volume in the pparently abandoned spaces, and the material pulsation of the surface, that canonize the quotation of the painter's, immediately imposes its justification for a narrative that gives direction, force and richness to the variation or the series.

The obtained space, more than a thick interval between suggestive and disturbing appearances of figures, seems to construct itself from a way of telling one " brief history of the painting " that it obeys the paradigm of the vision of our days, inevitably contaminated and filtered by the lenses and screens of all the simulacrum-images.

It is, indeed, the logic of the photograme, species of irreducible trash of the fixed picture, that presides over to this fantastic Epiphany of undefinable figures in the imaginary of the spectator, in a way highly purified space, whose secular co-ordinates report to an ironic history of making and representing that is solved as in a film without movement.